

**A CARTINHA COM OS PRECEITOS E MANDAMENTOS DA
SANTA MADRE IGREJA, DE JOÃO DE BARROS (1539), SOB A
ÓTICA DA HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA**

Viviane Lourenço Teixeira (UFF)
viviane_lourenco@id.uff.br

RESUMO

Debater o trabalho filológico de João de Barros com a *Cartinha com os Preceitos e Mandamentos da Santa Madre Igreja* (1539) faz parte de um dos objetivos propostos nessa exposição. Como parte da *Gramática da Língua Portuguesa com os Mandamentos da Santa Madre Igreja* (1540), o texto de João de Barros possuía a dupla função de evangelizar e catequizar. As cartilhas também tinham o objetivo de ensinar as primeiras letras aos povos colonizados. Como um texto fundamental para o processo de ensino da língua portuguesa e de catequização durante os primeiros anos da colônia portuguesa nas Américas, foi utilizado nos primeiros colégios e, como apresentado em Araújo (2008), é provável que tenha sido o primeiro livro ilustrado da época. Em concordância com o modelo teórico-metodológico da Historiografia Linguística, o debate se dará a partir de princípios e parâmetros (KOERNER, 1995; BATISTA, 2013; SWIGGERS, 2013) pertencentes a este campo e também da linguística missionária tão presente no início do século XVI.

Palavras-chave:

Ensino. Historiografia linguística. Língua Portuguesa.

RESUMEN

Discutir la obra filológica de João de Barros acerca de la *Cartinha con los Preceptos y Mandamientos de la Santa Madre Iglesia* (1539) forma parte de uno de los objetivos propuestos en esta exposición. Como parte de la *Gramática de la Lengua Portuguesa con los Mandamientos de la Santa Madre Iglesia* (1540), el texto de João de Barros tuvo la doble función de evangelizar y catequizar; las cartillas también estaban destinadas a enseñar las primeras letras a los pueblos colonizados. Como texto fundamental para el proceso de enseñanza de la lengua portuguesa y catequización durante los primeros años de la colonia portuguesa en las Américas, fue utilizado en las primeras escuelas y, como se presenta en Araújo (2008), es probable que haya sido el primer libro ilustrado de la época. De acuerdo con el modelo teórico-metodológico de la Historiografía Lingüística, el debate se desarrollará a partir de principios y parámetros (KOERNER, 1995; BATISTA, 2013; SWIGGERS, 2013) propios de este campo y también de la lingüística misionera tan presente a principios del siglo XVI.

Palabras clave:

Enseñanza. Historiografía lingüística. Lengua portuguesa.

1. *Palavras iniciais*

O presente artigo se vincula ao campo da Historiografia Linguística e dos Estudos de linguagem que tem como escopo analisar o pensamento linguístico através do objetivo relevante de se analisar o texto através de seu contexto (SWIGGERS, 2013). Como objeto de estudos, selecionamos a *Cartinha com os preceitos e mandamentos da Santa Madre Igreja* (1539), cujo autor é João de Barros, homem político e intelectual pertencente a Portugal do século XVI.

A *Cartilha* de Barros pode ser considerada um dos principais manuais de aprender a ler e escrever utilizados nos primeiros colégios do Brasil no século XVI. Pretendemos, pois, no presente artigo, esboçar uma visão acerca das ideias linguísticas de Barros e para isso nosso trabalho evidenciará, entre outras coisas, a figura de Barros sob a ótica da HL, a aprendizagem de leitura com viés da linguística missionária e por fim a apresentação da estrutura da obra de Barros.

2. *João de Barros, uma visão da Historiografia Linguística*

A biografia de João de Barros (1496–1470) apresenta elementos que nos levam a compreender culturalmente sua produção tão diversificada, durante as primeiras décadas do século XVI, que tem como eixo de interesse Portugal. Ao discorrermos acerca de sua biografia e sua produção, faremos a partir do viés da Historiografia Linguística.

A Historiografia Linguística (HL) tem sua teoria e seus princípios identificados com outra disciplina: História das Ideias Linguísticas. No tocante a este ponto, tem-se que na História das Ideias Linguísticas, conhecimentos sobre a linguagem e sobre as línguas e o funcionamento destas, assim como suas características e suas categorias, produzidos ao longo do tempo, são caracterizados como objetos de estudo (LEITE, 2019, p. 161). Quanto à HL, entre outros objetos destacamos em nosso trabalho, o *texto* como objeto primário (SWIGGERS, 2013, p. 41)².

Vales salientar, todavia, que o historiógrafo da linguística é quem opta por qual definição de objeto levará em consideração em sua análise e tem nisso o seu primeiro impasse, isto é, “O primeiro desafio do histo-

² Pierre Swiggers (2013, p. 41), acerca da definição de texto, aponta que “Há muitos aspectos do fenômeno a que denominamos ‘textos’ que merecem certa reflexão do ponto de vista do historiador da linguística [...]”.

riógrafo da linguística reside, pois, na explicitação dos limites do seu domínio e na enumeração dos seus objetos possíveis” (ALTMAN, 2019, p. 26).

No caso de nossa exposição, esse aspecto se delimita com a seleção da *Cartinha com os preceitos e mandamentos da Santa Madre Igreja* (1539), de João de Barros, que é um texto que se figura como um ponto de partida acessível para se compreender como era ministrado o ensino nas escolas do início do século XVI, além do entendimento do método de alfabetização no Brasil quinhentista. No que tange a esse aspecto e sob o embasamento teórico-metodológico dos princípios de descrição historiográfica de Koerner (1996) e nos parâmetros de Swiggers (2009; 2013) citados por Batista (2013) pautamos nossa análise.

Os princípios de *contextualização*, *imanência* e *adequação* foram substanciais para definirmos o valor da *Cartilha* de João de Barros e contextualizá-la no método de difusão da doutrina da igreja católica do século em questão; assim como os parâmetros da *cobertura*, *perspectiva* e *profundidade*. A contextualização refere-se “(...) ao estabelecimento do ‘clima de opinião’ geral dos períodos em que as teorias se desenvolveram” (KOERNER, 1996, p. 60). O segundo passo que o historiógrafo deve seguir é aquele em que o estudioso não pode deixar elementos externos, segundo Koerner (1996, p. 60) a formação e a doutrina linguística, interferirem na análise. Nas palavras de Batista (2013):

Aproximações com visões contemporâneas do historiógrafo devem ser evitadas, em nome de um tratamento próximo ao filológico para o objeto de análise; em outras palavras, o que se pretende é compreender o objeto de análise em sua própria natureza e configuração social e temporal, isto é, analisar o pensamento linguístico tal como ele se define (BATISTA, 2013, p. 76)

O princípio da *adequação* refere-se àquele ponto em que o historiógrafo está “livre” para implementar suas ponderações e análises críticas. Como última etapa, traz ao leitor uma releitura do texto original, contudo, como nos chama atenção Koener (1996, p. 60), é preciso que seja de forma cautelosa e ao mesmo tempo explícita a introdução de “aproximações modernas do vocabulário técnico e um quadro conceptual de trabalho que permita uma melhor apreciação de um determinado trabalho, conceito ou teoria” (KOERNER, 1996, 60).

Quanto aos parâmetros, apresentados por Swiggers (2009) e que segundo ele afetam o trabalho do historiógrafo, têm-se que a *cobertura* refere-se ao período, campo geográfico e a qual temática constitui o

objeto de estudo do pesquisador, no qual “(...) está en correlación con el tipo de documentación accesible/estudiado, con el poder explicativo de la hipótesis del historiógrafo, con el tipo de investigación interdisciplinaria que se impone (...)” (SWIGGERS, 2009, p. 70); a *perspectiva* pode ser interna e externa; e a *profundidade* da análise que é determinada não só pelo pesquisador da HL, mas também por seu objeto e as ferramentas disponíveis; i.e., “(...) no está solamente determinado por el interés, el gusto o la vocación más o menos teórica del historiógrafo; en muchos casos está determinado por el objeto de estudio elegido y por la documentación disponible” (SWIGGERS, 2009, p. 70).

Como disciplina recém institucionalizada, seus estudos se iniciam na década de 1970, a HL nos é expressiva no que diz respeito ao nosso objeto de estudos e foi de significativa valia para executarmos o trabalho por nós proposto. A *Cartinha com os preceitos e mandamentos da Santa Madre Igreja*, tem sua primeira edição publicada em 1539, durante o reinado de D. João III (1521–1557)³. A essa época do reinado a inquisição, que fora instituída pelo rei, as censuras, a difusão do pensamento humanista entre outras coisas estavam se propagando. Em um contexto econômico, político, ultramarino, cultural e social D. João III dá início a concreta colonização do Brasil; surge, deste modo, uma utilização maior e frequente da língua portuguesa na colônia, assim como a “necessária” catequização do “novo” povo. Evidenciar esses aspectos é de significativa importância para compreendermos qual foi a proposta de João de Barros com sua *Cartinha*. Como afirma Lourenço (2019, p. 22): “(...) devemos pensar o contexto socioeconômico, político e cultural no qual a obra e seu autor estão inseridos, sendo importante a biografia do autor neste caso, o *momentum* histórico da publicação da obra e sua recepção”.

João de Barros (1496–1570), nascido em Portugal (acredita-se quem em Viseu) era homem da corte, filho de um nobre. Foi importante personagem em seu país de origem tanto à época de D. Manuel I quanto à de D. João III. Em 1521 quando D. João III assumiu o reinado, Barros, que já tinha alcançado a confiança do agora rei, recebe o título de capitão. Exerceu as funções de tesoureiro na Casa da Índia (1525 a 1528) e feitor das Casas da Índia e da Mina (já em Portugal, após seu regresso em 1532); por seu trabalho honrado e comprometido, recebeu duas capitaniās hereditárias no Brasil (1535).

³ Filho mais velho de D. Manuel I, rei à época do descobrimento do Brasil em 1500, D. João III ficou conhecido como “O Piedoso”.

Como intelectual, assim como outros autores da época, foi influenciado pelos princípios do Humanismo. Dentre suas obras destacam-se: *A crônica do Imperador Clarimundo*, 1522; *Décadas da Ásia*, 1552; *Ropicapnefma*, 1553; *Diálogo evangélico sobre os artigos da fé contra o Talmud dos Judeus*, 1543; *Gramática da Língua Portuguesa com os Mandamentos da Santa Madre Igreja*, 1540; e *O diálogo de João de Barros com dois filhos seus sobre preceitos morais*, 1540.

Embora tenha tido uma considerável vida intelectual e uma carreira política imaculada, esta marcada de prestígio, João de Barros viveu seus últimos dias na pobreza. Morreu em 1570, mesmo após ter recebido o título de fidalguia, na mais completa miséria.

3. A aprendizagem de leitura: estrutura da *Cartinha de João de Barros*

A *Cartinha com os Preceitos e Mandamentos da Santa Madre Igreja* (1539), de João de Barros, desde suas primeiras páginas aponta indícios do século em que fora publicada. O mundo lusitano do século XVI é aquele que conta com os efeitos da expansão do império português que se iniciara nas primeiras décadas do século XV. A expansão marítima e comercial já era parte dos projetos de Portugal, no entanto, o aumento de suas colônias fez com que o país voltasse seu olhar também para a expansão linguística. A língua portuguesa precisava nesse momento ser ensinada a todos os povos que estavam sob o domínio lusitano.

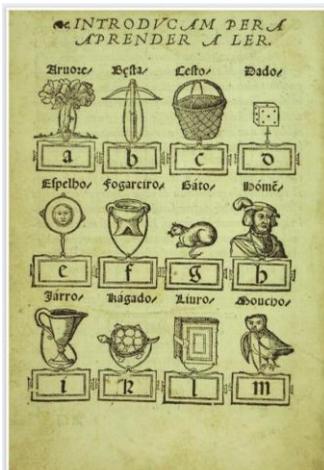
Ao analisarmos o contexto histórico-social da expansão portuguesa no que diz respeito à língua, em uma ótica multicultural, percebemos que esse elemento é anterior às navegações, sendo oriundo da constituição linguística da língua portuguesa desde seu advento: “O português, na sua feição originária galega, surgirá entre os séculos IX-XII, mas seus primeiros documentos datados só aparecerão no século XIII” (BECHARA, 2009, p. 24). Ainda nos pautando em Bechara (2009), sabe-se que o português utilizado por Barros era o português arcaico médio⁴.

Como meio de alfabetizar as crianças, Barros inova para a época. Em um ensino que privilegiaria a memória ele traz ilustrações em suas primeiras páginas.

⁴ Bechara adota quatro fases para o português, a saber: português arcaico, português arcaico médio, português moderno e português contemporâneo. Cf. BECHARA, 2009, p. 25.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Imagem 1: Lição da *Cartinha com os Preceitos e Mandamentos da Santa Madre Igreja* (1539).



Fonte: BARROS, João de. *Grammatica da língua portuguesa com os mandamentos da santa madre igreja*. Lisboa: Tipografia de Luiz Rodrigo, 1539, p. 7.

Imagem 2: Lição da *Cartinha com os Preceitos e Mandamentos da Santa Madre Igreja* (1539).



Fonte: BARROS, João de. *Grammatica da língua portuguesa com os mandamentos da santa madre igreja*. Lisboa: Tipografia de Luiz Rodrigo, 1539, p. 8.

UFRJ (LabHisLing – UFRJ)⁵, em sua página inicial, há uma definição de Hovdhaugen (1996):

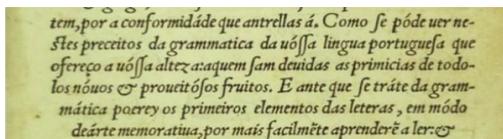
A missionary grammar is a description of a particular language created as part of missionary work by non-native missionaries. It is a pedagogical, synchronic grammar covering phonology, morphology and syntax based on data mainly from an oral corpus (in a few cases from religious – mainly translated – texts). (HOVDHAUGEN 1996a: 15 *apud* LABHISLING, s/d)

Com a função de educar e evangelizar, a *Cartinha* ensinava não só as primeiras letras, nesse aspecto tinha o objetivo de “alfabetizar”, como também ensinava os “meninos em tenra idade” os preceitos básicos do catolicismo, nesse sentido era um instrumento de evangelização. Ao lado da *Grammatica da lingoagem portuguesa* (Fernão de Oliveira, 1536) e da *Gramática da Língua Portuguesa com os Mandamentos da Santa Madre Igreja* (João de Barros, 1540), a *Cartinha* provavelmente foi utilizada nas primeiras escolas na colônia portuguesa nas Américas (a primeira delas fundada por Padre Manoel da Nóbrega – Colégio do Menino Jesus, 1553, em São Vicente).

A *Cartinha* e a *Grammatica* de Barros aparecem muitas vezes juntas. Em Araújo (2008)⁶ encontramos a seguinte explicação:

Publicada como volume único em 1539, o frontispício da *Cartinha* sugere que se tratava de uma parte da *Grammatica da lingua portuguesa*. Não sabemos as razões que levaram o editor Luiz Rodrigues a publicar a *Cartinha* separadamente [...], o sumário da *Cartinha* é amplo e inclui a *Grãmatica da lingua portuguesa: e ortografia com que se á descreuer, Hum diálogo em louvor da nõssa linguágem e Hum diálogo da viciosa vergonha* como partes do volume. (ARAÚJO, 2008, p. 7-8)

O próprio Barros no início de sua *Grammatica* informa aos leitores:



BARROS, João de. *Grammatica da língua portuguesa com os mandamentos da santa madre igreja*. Lisboa: Tipografia de Luiz Rodrigo, 1539, p. 6.

⁵ Disponível em: <https://labhislingufrj.wordpress.com/linguistica-missionaria/>. Acesso em: 20 de maio 2020.

⁶ Para nos auxiliar em nossa exposição utilizamos o texto de Gabriel Antunes de Araújo (2008), *Cartinha com os preceitos e mandamentos da Santa Madre Igreja: 1539 ou Gramática da língua portuguesa*, como suporte ao original. O texto de Araújo apresenta uma edição crítica, seguida de leitura modernizada e reprodução fac-similar.

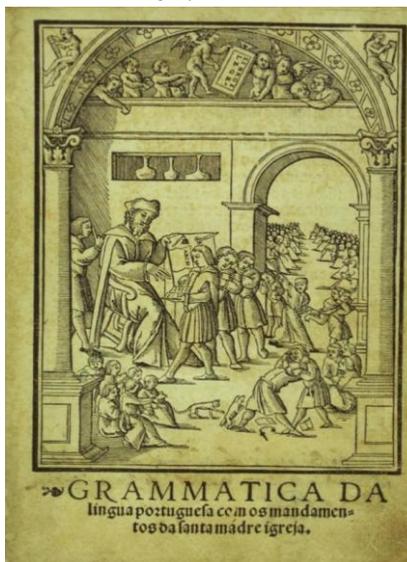
Em leitura modernizada tem-se:

[...] como se pode ver nestes preceitos da gramática de vossa língua portuguesa que ofereço a Vossa Alteza, a quem são devidas as primícias de todos os novos e proveitosos frutos. E antes que se trate da gramática, porei os primeiros elementos das letras, em modo de arte memorativa, por mais facilmente aprenderem a ler [...] (ARAÚJO, 2008, p. 82)

Sendo assim essas duas obras podem ser entendidas como partes de um mesmo projeto: valorização de sua língua materna, ensino de língua portuguesa às crianças (meninos), e difusão da doutrina católica.

De modo a se ater aos objetivos de educar e evangelizar, a obra de Barros apresenta uma “tavoá” que, didaticamente, direciona o leitor sobre os pontos a serem estudados na *Cartilha*. Antes de apresentarmos a estrutura da *Cartilha*, julga-se conveniente apresentar o frontispício, pois nele há dados que nos ajudam a entender aspectos pertinentes à obra de João de Barros.

Imagem 4: Frontispício da *Gramática da Língua Portuguesa com os Mandamentos da Santa Madre Igreja* (1539).



BARROS, João de. *Grammatica da língua portuguesa com os mandamentos da santa madre igreja*. Lisboa: Tipografia de Luiz Rodrigo, 1539.

Nota-se que a imagem escolhida possui elementos que indicam que isso não foi ao acaso. Há a figura de um professor e entorno dele um grupo de alunos que indicam que estão esperando para terem suas lições checadas, corrigidas pelo mestre. Ao fundo tem-se um homem que “reprime, com o dedo em riste, um outro aluno”. Há outros grupos de estudantes que leem, conversam, brigam, observam e aqueles que estão à parte, no exterior do edifício (ARAÚJO, 2008, p. 10). A cena mostra o que seria um dia típico na escola que é representada por uma arquitetônica pertencente ao período do século XVI, o Renascimento. A placa segurada pelos anjos, na parte superior da estrutura, contém a mensagem *Libros Lege* (Leia livros), mais um indício que a *Grammatica* de Barros seria latino-português, visto que a inscrição poderia estar em língua portuguesa. A menção ao livro também nos fornece pistas de que o ensino seria destinado somente a uma classe social; como umas das possíveis marcas da aristocracia o livro aparece como uma inovação.

De uma maneira mais detalhada, indica-se a baixo os “desdobramentos” daquilo que podemos chamar de “capítulos” da *Cartinha*:

Após o frontispício, encontra-se o sumário com a lista de conteúdos que deveriam ser estudados; uma dedicatória a D. Felipe⁷, filho de D. João III; nessas páginas iniciais João de Barros cita Esopo e utiliza-se de metáforas para exaltar a língua portuguesa e os preceitos da igreja. Na introdução, encontram-se imagens do alfabeto, a tábua para soletrar e o processo de silabação. Após essa primeira parte de enfoque gramatical, chega-se aos preceitos e mandamentos (parte bilíngue, visto que se apresenta em latim-português). Na sequência lemos o Pai Nosso, Saudação do anjo, símbolo dos apóstolos, explicação/definição dos símbolos (divindade/humanidade), saudação a Nossa Senhora, os 10 mandamentos (5 da igreja), os 7 sacramentos, as 14 obras de misericórdia, as 7 virtudes e os 12 frutos do Espírito Santo. As bênçãos da mesa e as graças encontram-se somente em latim. Seguindo têm-se os tratados da missa, primeira parte material, segunda parte espiritual e terceira parte moral. Evangelho de São João, o símbolo de *Quicumque uult*, oração ao justo juiz, oração de *Obsecro te domina*, oração à hóstia, oração ao cálice e os dias de jejua (de janeiro a dezembro). Terminando a *Cartinha com os Preceitos e Mandamentos da Santa Madre Igreja*, encontra-se a oração ao anjo

⁷ D. Filipe morreu precocemente aos seis anos de idade (1533–1539). Sua morte ocorreu antes da impressão da *Cartinha* e fora a ele quem João de Barros dedicara sua obra. Foi sucedido por seu irmão, D. João Manuel. Por isso, encontra-se ao lado do nome de Filipe, que fora riscado, o nome de *Ioan* (ARAÚJO, 2008, p. 10).

da guarda, para saber as 4 tēmporas e louvor de Deus e da gloriosa Virgem (agradecimentos).

4. Palavras finais

Em linhas gerais, a *Cartinha com os Preceitos e Mandamentos da Santa Madre Igreja* (1539), de João de Barros, tem sua divisão pautada na tradição gramatical renascentista latina dispondo de elementos que auxiliam na construção do discurso. Com a divisão por nós listada, a obra de Barros é fonte garantida para o entendimento de com se deu os primeiros processos de alfabetização da língua portuguesa, visto que estes prezavam educar e evangelizar.

As ideias precursoras de Barros revelam a visão que ele tinha sobre a importância de se ensinar a língua materna e difundir a doutrina católica, sem, contudo, deixar de lado a língua clássica (estudo bilíngue). Segundo Araújo (2008, p. 8), as ferramentas apresentadas na *Cartinha* se sustentam em uma “experiência ampla e coesa”, que evidenciam uma organização pedagógica, linguística e religiosa. Diante disso não há como negar que sua *Cartilha* tem relação não só com o ensino, mas com o processo de aprendizagem da leitura que ocorria através da memorização e das orações.

O fato é que muito se tem ainda a estudar no que diz respeito à obra de João de Barros, seja através de prismas como o histórico, o missionário, o pedagógico, o linguístico. Mesmo que as observações aqui feitas, todavia, não esgotem o assunto, deixam evidentes que sob a ótica da HL o objeto por nós selecionado coloca em voga alguns propósitos dessa disciplina, tais como: “(...) descrever e explicar como se produziu e desenvolveu o conhecimento linguístico em um determinado contexto social e cultural, através do tempo” (ALTMAN, 2019, p. 42).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMAN, Cristina. História, estórias e historiografia da linguística brasileira. In: BATISTA, Ronaldo de Oliveira. *Historiografia da Linguística* (Org.) São Paulo: Contexto, 2019. p. 19-43

BARROS, João de. *Cartinha com os preceitos e mandamentos da Santa Madre Igreja: 1539 ou Gramática da língua portuguesa*. Gabriel Antunes de Araújo. (Org.). São Paulo: Humanitas/Paulistana, 2008.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

BARROS, João de. *Cartinha com os preceitos e mandamentos da Santa Madre Igreja*. Lisboa: Tipografia de Luiz Rodrigo, 1539.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. *Introdução à historiografia da linguística*. São Paulo: Cortez, 2013.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

KOERNER, E. F. Konrad. Questões de persistem em historiografia linguística. *Revista da ANPOLL*, n. 2, p. 45-70, 1996.

LEITE, Marli Quadros. Historiografia da linguística e história das ideias linguísticas: aproximação e distanciamento. In: BATISTA, Ronaldo de Oliveira. *Historiografia da Linguística* (Org.) São Paulo: Contexto, 2019. p. 139-81

LOURENÇO, Viviane Teixeira. *Carta de Caminha: contato linguístico no Brasil quincentista à luz da linguística ecossistêmica*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019. 125f.

SWIGGERS, Pierre. La historiografia de la lingüística: apuntes y reflexiones. *Revista argentina de historiografia lingüística*, v. 1, n. 1, p. 67-76, 2009. Disponível em: [<http://www.rahl.com.ar/index.php/rahl/article/view/6/18>]. Acesso em: 24 out. 2017.

_____. *A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização*. *Revista Confluência*. n. 44/45, p. 40-59, 2013.

_____. Historiografia da Linguística: princípios, perspectivas, problemas. In: BATISTA, Ronaldo de Oliveira. *Historiografia da Linguística* (Org.) São Paulo: Contexto, 2019, p. 45-80.

Créditos das imagens

Imagem 1: BARROS, João de. *Grammatica da língua portuguesa com os mandamentos da santa madre igreja*. Lisboa: Tipografia de Luiz Rodrigo, 1539.

Imagem 2: BARROS, João de. *Grammatica da língua portuguesa com os mandamentos da santa madre igreja*. Lisboa: Tipografia de Luiz Rodrigo, 1539.

Imagem 3: BARROS, João de. *Grammatica da língua portuguesa com os mandamentos da santa madre igreja*. Lisboa: Tipografia de Luiz Rodrigo, 1539.

Imagem 4: BARROS, João de. *Grammatica da língua portuguesa com os mandamentos da santa madre igreja*. Lisboa: Tipografia de Luiz Rodrigo, 1539.